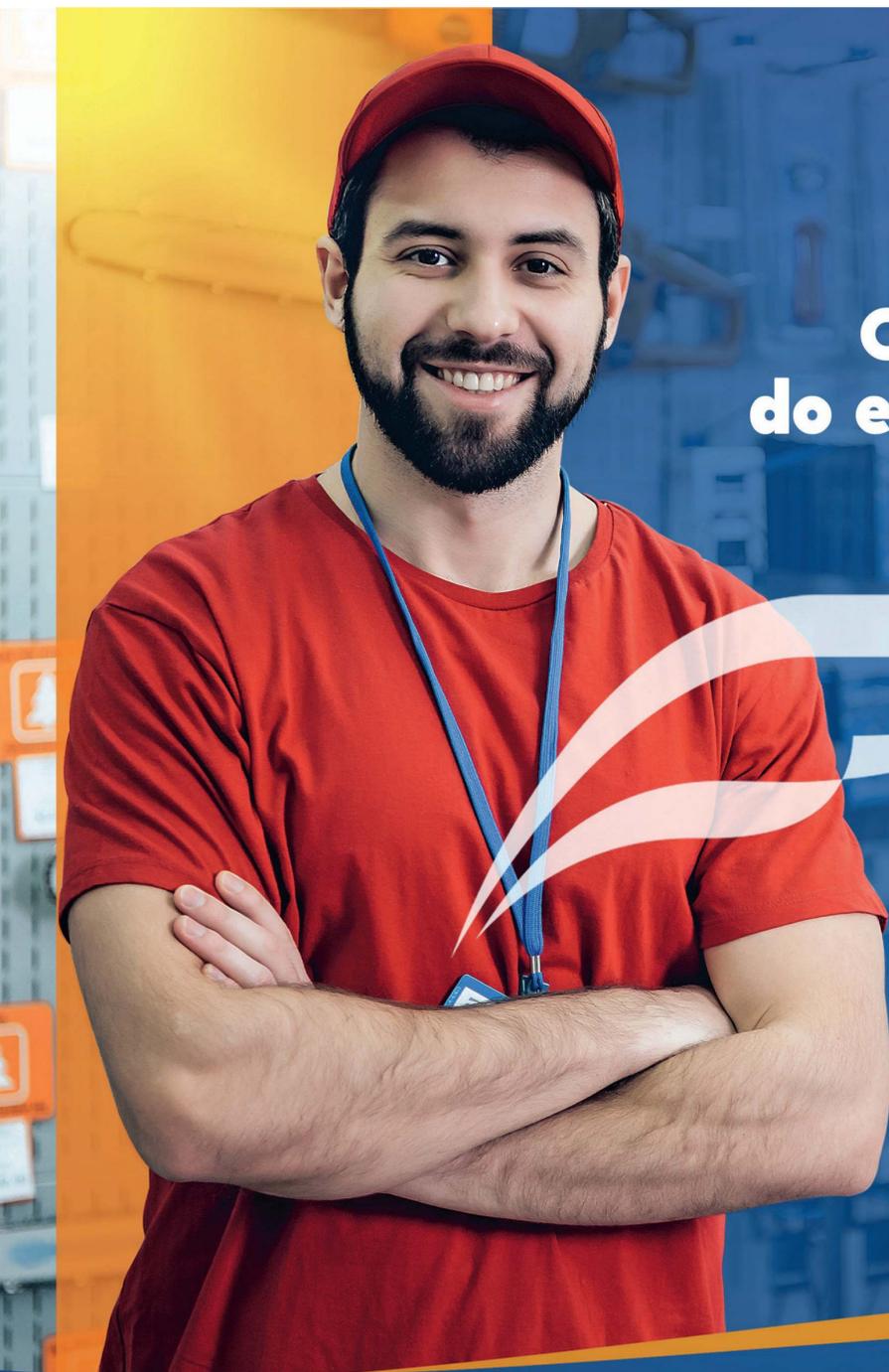




Um dos registros do clássico RExPA feitos pelas equipes do Bola
FOTO: WAGNER SANTANA

Sempre em cima do lance!

O Bola segue sendo uma referência para o jornalismo esportivo no Estado pelo seu conteúdo completo, análises embasadas e tudo sobre o futebol e outros esportes no Estado, sem perder o bom humor!



O desenvolvimento do empreendedorismo passa por aqui

Desde 1949, a Fecomércio-PA caminha lado a lado com o desenvolvimento do empreendedorismo no Estado. E para seguir no rumo certo, reforça seu compromisso em lutar junto aos empresários dos setores do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, no intuito de promover o desenvolvimento econômico do Pará e fortalecer os sindicatos empresariais filiados.

Parabéns Jornal Diário do Pará!
São 40 anos noticiando crescimento e desenvolvimento do comércio paraense.

Fecomércio PA
CNC Sesc Senac
Sindicatos

Av. Assis de Vasconcelos, 359 - Campina
Fones: 99253-6315 | 99210-9878 - www.fecomercio-pa.com.br

Cobertura

Bola pro mato, que o jogo é de campeonato!



Em todas as competições locais, nacionais e internacionais, o caderno de esporte do DIÁRIO está presente, com reportagens, tabelas e análises

Nildo Lima

Desde o seu surgimento, em 1982, o DIÁRIO DO PARÁ, chega aos leitores com o propósito de ser um instrumento de boa informação e, também, incentivo ao futebol local. Em se tratando de competições nacionais, tais como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, entre outras, e até mesmo internacional, a publicação, por intermédio de seu caderno especializado, sempre teve como meta estimular os clubes e atletas da região. Isso sem jamais jogar pela linha de fundo a imparcialidade e a visão crítica, que servem como referência e credibilidade para os leitores.

Ex-editor do caderno Bola, que ele viu nascer quando repórter, e hoje ocupando o cargo de diretor de redação, Clayton Matos, de 45 anos, destaca a importância da linha editorial do caderno



Diário do Pará

para o futebol do Estado “Desde o princípio, é regra no Bola privilegiar o esporte paraense, em especial o futebol, e temos a missão de fazer um jornalismo independente, que exalte nossas vitórias em campo ou em outros

Nos jogos do campeonato Paraense, o DIÁRIO está sempre presente
FOTO: IRENE ALMEIDA

Notícia de capa

Lojista parceiro da CDL Belém tem muito mais vantagens

CADASTRO POSITIVO

O Cadastro Positivo é uma política pública prevista na Agenda BC+, do Banco Central do Brasil, com o objetivo de reduzir o custo do crédito no país. Conheça todas as vantagens! www.spcbrasil.org.br

SPC BRASIL

Com o SPC Brasil, sua empresa conquista mais clientes, vende a prazo com segurança e tem acesso ao maior banco de dados da América Latina. Conheça todas as vantagens!

CERTIFICAÇÃO DIGITAL SPC

Garanta mais segurança nas suas transações eletrônicas. Adquira a Certificação Digital SPC pelo menor preço e com desconto para associados. Conheça todas as vantagens!

CDL EVENTOS

A CDL Belém realiza constantemente palestras, workshops, treinamentos e cursos para os associados, com o objetivo de contribuir na formação de empreendedores cada vez mais capacitados para os desafios do mercado.

PARABÉNS JORNAL DIÁRIO DO PARÁ PELOS 40 ANOS DE COMPROMISSO COM A BOA INFORMAÇÃO!

Sistema CNDL

Rua 28 de setembro, 16/22 - Tel.: 91 3204-1500 - www.cdlbelem.com.br



FOTO: WAGNER SANTANA



FOTO: WAGNER ALMEIDA



FOTO: IRENE ALMEIDA

cenários esportivos, mas também proporcionando o debate para que os clubes possam refletir sobre a forma como são conduzidos e a necessidade de profissionalizar as agremiações”, diz.

Matos salienta que o Bola sempre primou pela valorização do futebol local como algo mercadológico, primando pelo respeito ao seu consumidor. “Tratar o futebol como produto e respeitar o torcedor enquanto consumidor, o que já está muito em evidência agora, sempre foi a linha editorial do Bola desde o fim dos anos 1990”, recorda o jornalista. A participação do Bola no engrandecimento do futebol local, enquanto produto, ressalta Matos, pode ser comprovada com diversas iniciativas tomadas pela publicação ao longo do tempo.

“Lançamos diversas campanhas e conteúdos nesse sentido e que tiveram grande repercussão, pois acrescentamos análises de profissionais de mercado e do próprio meio esportivo, que serviram para engrandecer a discussão”, observa o editor, confiando que a semente lançada pelo jornal frutificou, mas que a colheita completa ainda não foi feita. “Acredito que muito do que falamos ao longo dos anos tiveram eco na forma de conduzir os clubes e tratar o esporte. Claro que há muito a evoluir e continuamos sempre inquietos em fazer o diferencial, o que está fora da curva”, arremata.

Desde o princípio, é regra no Bola privilegiar o esporte paraense, em especial o futebol, e temos a missão de fazer um jornalismo independente, que exalte nossas vitórias em campo ou em outros cenários esportivos, mas também proporcionando o debate para que os clubes possam refletir sobre a forma como são conduzidos e a necessidade de profissionalizar as agremiações”

Clayton Mato, diretor de Redação do DIÁRIO ex-editor do Bola

DIÁRIO, 40 ANOS DE ESTRADA.

O Diário entrega todos os dias conteúdo e informação a milhares de leitores. São poucos os veículos que conseguem chegar à marca grandiosa de 40 anos com essa qualidade e reconhecimento.

E olha que de veículo, a gente entende.



Pensou em aluguel de van, pensou em Alucar.

Alucar
A gente leva você.



Gerson na cobertura da Copa na África do Sul FOTO: DIVULGAÇÃO

Futebol

Testemunha do maior evento esportivo do mundo

O jornalista Gerson Nogueira foi o primeiro correspondente do DIÁRIO em uma Copa do Mundo, onde esteve por três oportunidades. Ele conta os desafios de estar no evento pelo Globo

COBERTURA

Tylon Maués

Há 16 anos o Diário do Pará teve, pela primeira vez, um correspondente em uma Copa do Mundo. O jornalista Gerson Nogueira, hoje colunista e que já foi editor de esporte e diretor de redação do jornal, esteve nos mundiais da Alemanha, da África do Sul e do Brasil. Foram experiências que trouxeram uma novidade ao leitor paraense, que passou a ter alguém com suas mesmas experiências trazendo as notícias com um olhar local.

“Foi algo proveitoso ao jornal. É importante ter alguém com o olhar da região para fazer uma cobertura de um evento tão importante. Tentava dar uma ideia diferente do que estava acontecendo, mostrar muito mais do que a bola rolando, a cultura do país. Foi um trabalho muito gratificante”, lembra Gerson. “Procurei cobrir a maior quantidade de jogos que me interessava, para o que seria interessante ao leitor. Acompanhei, por exemplo, a Argentina, que sempre interessa aos brasileiros”. Pessoalmente, ele considera esses momentos como o ápice da carreira.

Para o jornalista, estar presente em um dos eventos mais importantes do esporte mundial foi algo engrandecedor. “Foi uma experiência fantástica. Estar lá foi muito diferente, estar em todos os jogos da seleção brasileira e mais jogos importantes, como a final. Para um jornalista esportivo é uma experiência de formação”.

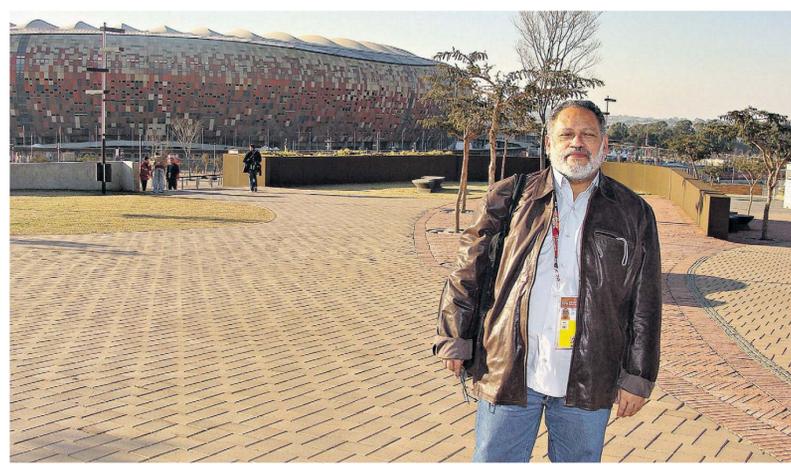
O jornalista paraense lembra que as primeiras oportunidades apareceram nas copas de 1994 e 98, nos Estados Unidos e na França, respectivamente, mas algumas dificuldades pessoais e mudanças empresariais acabaram por fazer com que perdesse a chance. Depois de um mundial no Japão e na Coreia do Sul, com preços impeditivos, o sonho se concretizou na volta da Copa à Europa.

“Tinha certo receio de me atrapalhar no inglês, coisa de interiorano. Também havia um projeto de reformulação gráfica no jornal e todos os setores foram envolvidos. Havia uma busca de buscar a liderança de vendas. Eu era editor do BOLA. Em 1998 foi mais complicado ainda, estávamos vivendo um processo de



“ Não podemos esquecer que existem pessoas que fazem acontecer dentro das comunidades e trabalhar esse legado com as crianças também é muito importante”.

Gerson Nogueira, colunista do DIÁRIO.



Mais imagens da cobertura da Copa na Alemanha FOTO: DIVULGAÇÃO



ASSESSORIAS

Mais do que qualquer estranhamento com culturas diferentes, a principal dificuldade relatada por Gerson é uma reclamação recorrente há alguns anos: a cobertura do dia a dia da seleção brasileira. “Foi muito chato porque se criou um cinturão ao redor da seleção, com normas muito burocráticas”. Ele conta que em 2006 houve certa liberdade, mas que a força das assessorias dos jogadores falava mais alto, além da total prioridade da Globo.

“Nós montamos uma entrevista com o Roberto Carlos e, no meio da conversa, ele foi chamado para a TV Globo. Isso irritava a muitos jornalistas, pois não éramos prioridades”, diz. “Tínhamos muitos problemas ao acesso aos jogadores. A gente podia ver uns 15 minutos de aquecimento, dois toques, treino alemão, que não servia para nada”, completa Gerson.

Sobre a copa de novembro, no Qatar, as peculiaridades do país do Golfo Pérsico tendem a deixar a competição diferente e até curiosa. “Será uma Copa diferente, com altas temperaturas, com as distâncias muito curtas, o que possibilita que se veja mais jogos. Deve ser uma Copa muito interessante”.

crescimento. Mas, com um pouco mais de coragem e noção eu teria ido. É um arrependimento”.

Falando apenas das copas fora do país, as facilidades de trabalho acabaram sendo surpreendentes. “A Fifa monta uma estrutura muito boa para quem vai trabalhar, um microcosmo com muita ajuda a quem está credenciado”.

HISTÓRIAS CURIOSAS

COPAS DO MUNDO

● As viagens, a trabalho ou a passeio, trazem choques culturais. As novidades são sempre bem lembradas. O Diário do Pará teve apenas Gerson Nogueira, mas a Rádio Clube do Pará tem uma tradição um tanto anterior. Giuseppe Tommaso, coordenador de esportes da rádio, começou a ir aos mundiais em 1994, nos EUA. Os dois lembram de momentos marcantes, curiosos e engraçados dessas coberturas

CIDADES VERDES

● "Na Alemanha, o que me surpreendeu muito, foram as cidades muito arborizadas, são cidades verdes. Em função da destruição das cidades na 2ª Guerra Mundial, a gente vê hoje vegetação em todos os lugares, em todos os prédios (GN)".

PARQUES DE NUDISMO

● "As Copas na Europa são no verão, com temperaturas de até 40 graus. Em algumas cidades alemãs era comum ver pessoas inteiramente nus nos parques. E elas estavam assim por causa do calor. Isso chamava atenção dos jornalistas, algo impensável em um país conservador como o Brasil (GN)".

COMIDA TÍPICA BRASILEIRA

● "Em um trem para Paris, estava eu e o Carlos Ferreira, que estava pela rádio, e nós encontramos no cardápio pratos típicos do Brasil. Era uma preocupação da Fifa. Tinha feijoada, caldeirada, e os europeus se deliciando com aqui, com aquelas iguarias saborosas (GN)".

OPÓS-TRAGÉDIA

● "Depois da tragédia do 7 a 1, fomos a um restaurante que estava lotado, num clima pesado. Lá encontramos o tenor espanhol Plácido Domingo. Ele estava em um cantinho, de terno. Ele nos tratou muito bem e nos disse que foi a BH exclusivamente para ver o jogo, por considerar um dos maiores clássicos do futebol mundial. Ele afirmou estar muito triste por causa da população. Foi algo que ocupou boa parte da minha coluna do dia seguinte (GN)".



À PROCURA DO BAIXINHO

● "Em 1994, em minha primeira Copa, tínhamos acesso aos jogadores, eram outros tempos. Todos queriam entrevistar o Romário, que era o centro das atenções. Em determinado momento, ele não podia circular livremente, por isso chegou a ter até seguranças, não parava na zona mista. Nós criamos uma estratégia para ouvir ele, com uma fila de jornalistas para cada um fazer uma entrevista. Depois, cada um passava para o outro a resposta que ele deu. Eu passei 40 minutos para entrevistar o Romário para a Rádio Clube (GT)".

OLUGAR É DO CACHORRO

● "Em 1998, na França, notamos como os cães são tratados lá, entrando em todos os estabelecimentos, algo que não acontecia aqui. Nos trens, as pessoas compram bilhetes para os cães para eles irem sentados na poltrona. Fomos cobrir Brasil e Holanda em Marselha e, na volta, nos sentamos nas poltronas vazias. Na primeira parada chegou um senhor com um cão e ele era o dono da poltrona onde estava o (Carlos) Castilho e o lugar era do cachorro. Isso virou piada até o fim da Copa (GT)".

DERROTA E 12H DE ESTRADA

● "Na África do Sul, estávamos em Durban e o Brasil perdeu para a Holanda. Estávamos tão confiantes que o Brasil passaria de fase que cancelamos a nossa diária em um hotel que ficava a 60 quilômetros do estádio. Voltamos ao hotel, mas não teve jeito, perdemos os quartos. Resolvemos encerrar a estrada, numa viagem de carro. Mas, o problema é que não havia posto de gasolina tão próximo. Chegamos a um local que achávamos que era uma pousada, mas era uma boate. Revezamos na direção por 1,2 quilômetros e foram quase 12 horas até Johannesburg (GT)".

Não é só a idade que nos aproxima. Tradição e credibilidade também.

Conheça o Residencial Parque Independência. Fale com um consultor e agende uma visita ao apartamento decorado.

91 98156-0001

37 anos

EXPI RESPONS



EXPERIÊNCIA E CONFIABILIDADE

Essenciais todos os dias, no
transporte e na informação.

PARABÉNS A TODOS
OS QUE FAZEM O
DIÁRIO DO PARÁ.

Homenagem:



SETRANSBEL

SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTE
DE PASSAGEIROS DE BELÉM

Esporte

Capas do Bola se tornaram uma tradição para leitores

O caderno de esporte do DIÁRIO tem na sua primeira página um cartão de visita, onde o humor e os fatos do dia são marcados por ilustrações ácidas, contextos recentes e referências da cultura pop

DIFERENCIAL

Matheus Miranda

Séries do momento, filmes de terror, sacada ácida e tons de humor nos seus mais variados estilos e tudo acompanhado de contextos atuais da cultura pop ou do hype do momento. Todas as situações acima fazem parte da abordagem crítica e sempre atual do caderno Bola, tabloide de esportes do jornal DIÁRIO DO PARÁ, que há anos é um verdadeiro diferencial no jornalismo esportivo local. A criatividade que transita a partir dos textos dos repórteres, manchetes dos editores, visão dos fotógrafos e arte dos infografistas, tem como resultado algo único: as suas capas icônicas reconhecidas nacionalmente pelo toque diferenciado em usar o folclore do esporte e a análise contundente a seu favor.

Desde a sua criação, em 1998, o tabloide sempre foi um precursor no seu estilo didático, preciso e em cima de qualquer lance para aproximar os leitores através do esporte ou de assuntos explorados em seus conteúdos. Não à toa, mesmo com a onda da internet e das redes sociais, a procura pelo impresso ainda é relevante especialmente após dias de eventos expressivos, como em clássicos entre Clube do Remo e Paysandu, demissões, acessos etc.

“É um grande desafio manter a relevância de um caderno esportivo impresso em tempos de redes sociais e de informação instantânea. Por isso, há algum tempo, começamos a implementar algumas mudanças sensíveis na linha editorial do Bola, como priorizar reportagens e a análise crítica de um fato em vez de simplesmente relatá-lo, pois este já está na boca do povo desde o dia anterior. E, claro, fazer isso de forma sempre criativa, que chame a atenção do leitor e faça com que ele repercuta, comente. Ai entra a importância das capas do caderno. É o chamariz. Até porque o Bola é um tabloide e esse formato exige criatividade, um visual acurado, que dê à notícia do dia a nossa visão particular, tanto na forma quanto no conteúdo, fazendo com que o público se interesse por essa nova abordagem”, explica Carlos Eduardo Vilaça, editor do caderno.

De acordo com Vilaça, que edita o Bola desde 2008 e é dono da coluna Crônicas da Bola desde 2016, o reconhecimento pelo trabalho e esforço coletivo é a cereja de um bolo feito com muita dedicação em prol do jornalismo local através do bom humor e crítica afiada nos fatos. “Desde a criação do Bola, em 1998, ele já carregava essas características, e cada equipe que passou pelo caderno deixou a sua marca, agregando novos valores. Assumi como editor em 2008 e peguei boa parte das mudanças gráficas



“O Bola é um tabloide e esse formato exige criatividade, um visual acurado, que dê à notícia do dia a nossa visão particular, tanto na forma quanto no conteúdo, fazendo com que o público se interesse por essa nova abordagem”

Carlos Eduardo Vilaça, editor

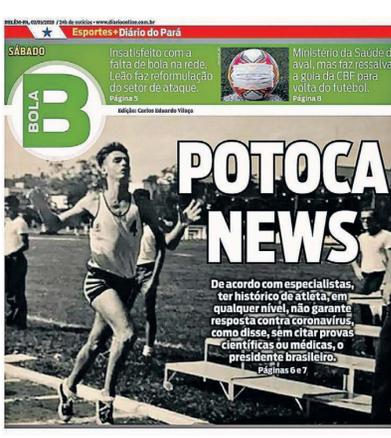
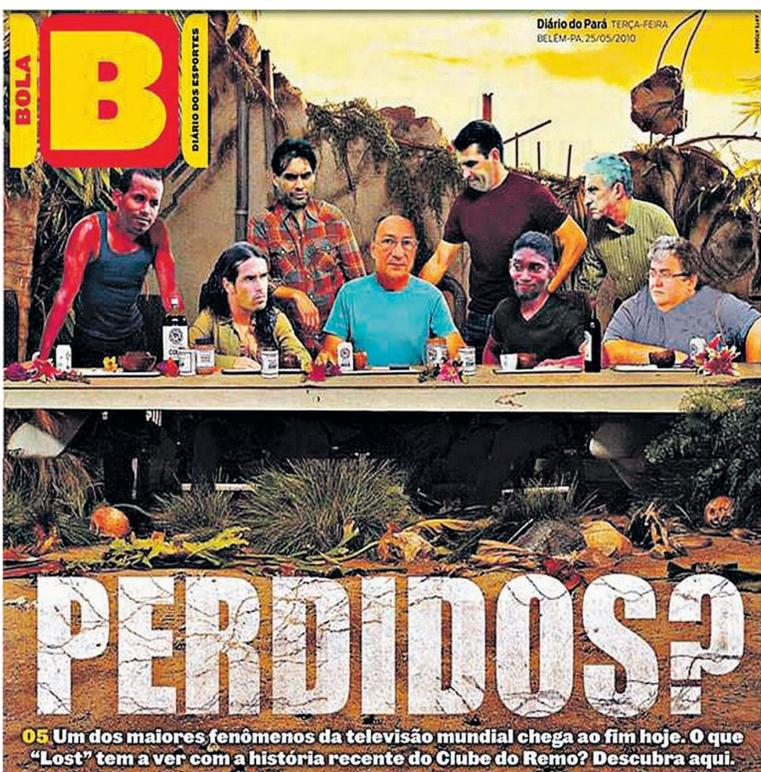
“As capas são sempre um desafio, porque depende muito do texto do repórter, do momento, quando vemos alguma tendência. Hoje as redes sociais ajudam muito a pensar em coisas engraçadas. Os leitores esperam, ‘quero ver a capa do Bola de amanhã’, principalmente quando tem Re-Pa, então é um desafio, uma obrigação em fazer o diferente”

Luiz Octávio Lucas, editor



e editoriais pelas quais o caderno - e o jornal como um todo - passou. E se tem algo que posso afirmar é que esse reconhecimento, quando acertamos a mão em alguma abordagem, sempre é especial justamente porque coroa o bom trabalho em equipe. Nunca é uma pessoa só. Tudo é conversado. Editores, direção, repórteres, paginadores, infografista... Surge uma ideia e ela vai sendo lapidada aqui e ali, sem vaidades. Todo mundo no Bola é o “pai da criança” e ter um ambiente de trabalho desses é um privilégio. Reconhecimento acaba sendo uma bem-vinda consequência”, avalia.

INTERAÇÃO
O faro antenado da equipe do Bola, hoje composta com três repórteres, Nildo Lima com o noticiário local, Tylon Maués setorista do Paysandu, Matheus Miranda setorista do Remo, os editores Carlos Eduardo Vilaça e Luiz Octávio Lucas, além da supervisão direta do diretor da Redação Clayton Matos, propõe uma interação com um público mais jovem justamente pelas inovações no jornalismo efetuado pelo plantel de profissionais.
O editor Luiz Octavio Lucas, que entende bem a linguagem dos leitores



ao ter atuado como repórter setorista de 2009 a 2012, reforçou a criatividade do tabloide de esportes do DIÁRIO como busca por trabalhos sempre produtivos e surpreendentes. “As capas são sempre um desafio, porque depende muito do texto do repórter, do momento, quando vemos alguma tendência. Hoje as redes sociais ajudam muito a pensar em coisas engraçadas. Os leitores esperam, ‘quero ver a capa do Bola de amanhã’, principalmente quando tem Re-Pa, então é um desafio, uma obrigação em fazer o diferente. Consequentemente, a gente sabe que atrai o público mais jovem, porque a gente sabe que o jornal é lido por pessoas mais velhas. Então quando fazemos essas capas que chamam atenção, gera esse interesse também e acabam procurando mais do nosso trabalho”, comenta.

As primeiras páginas trazem referências políticas, das redes sociais da cultura pop. FOTOS: REPRODUÇÃO



PÁTIO Sustentável

Cuidar do planeta é cuidar da nossa gente e do nosso futuro.

A sustentabilidade está em nosso coração e no da nossa gente. Por isso, aqui no Pátio Belém buscamos reduzir o uso de recursos naturais e contribuir, cada vez mais, com o meio ambiente. E essa é a nossa missão. Todos os dias.

31.182
toneladas
de lixo reciclado

392
unidades
de árvores
poupadas

1.802
toneladas
a menos de
CO² da atmosfera

142.480
litros
de água
economizados

EM JULHO DE 2022

Parabéns, Diário,
pelos 40 anos de história.

SHOPPING PÁTIO BELÉM
O Shopping do Coração da Cidade



Entre polêmicas, memes da internet e fatos marcantes

Matheus Miranda

O faro antenado da equipe do Bola, hoje composta com três repórteres, Nildo Lima com o noticiário local, Tylon Maués setorista do Paysandu, Matheus Miranda setorista do Remo, os editores Carlos Eduardo Vilaça e Luiz Octávio Lucas, além da supervisão direta do diretor da Redação Clayton Matos, propõe uma interação com um público mais jovem justamente pelas inovações no jornalismo efetuado pelo plantel de profissionais.

O editor Luiz Octávio Lucas, que entende bem a linguagem dos leitores ao ter atuado como repórter setorista de 2009 a 2012, reforçou a criatividade do tabloide de esportes do DIÁRIO como busca por trabalhos sempre produtivos e surpreendentes. “As capas são sempre um desafio, porque depende muito do texto do repórter, do momento, quando vemos alguma tendência. Hoje as redes sociais ajudam muito a pensar em coisas engraçadas. Os leitores esperam, ‘quero ver a capa do Bola de amanhã’, principalmente quando tem Re-Pa, então é um desafio, uma obrigação em fazer o diferente. Consequentemente, a gente sabe que atrai o público mais jovem, porque a gente sabe que o jornal é lido por pessoas mais velhas. Então quando fazemos essas capas que chamam atenção, gera esse interesse também e acabam procurando mais do nosso trabalho”, comenta.

Não é apenas o torcedor que enumera a sua capa preferida do Bola, seja por méritos do seu time de coração ou pela tradicional encarnação no grande rival. No meio de quem elabora o material e finaliza para o prazer dos leitores, também há espaço para apreciar o fruto de um trabalho diferenciado e único, algo que ficará marca-

“As capas são sempre um desafio, porque depende muito do texto, do momento, alguma tendência. Hoje as redes sociais ajudam muito a pensar em coisas engraçadas. Os leitores esperam, ‘quero ver a capa do Bola de amanhã’, principalmente quando tem Re-Pa”

Luiz Octávio Lucas, editor do Bola

do pela eternidade no jornalismo esportivo local. Desse modo, os responsáveis pela edição do tabloide apontaram o ‘Top 3’ de capas favoritas criadas para o Diário. O editor Luiz Octávio Lucas recordou com bom humor: “No top 3, gosto muito de uma capa que eu fiz, que dizia: ‘Tá para explodir!’. O Paysandu lançou até nota de repúdio, e era uma capa super bem humorada que era com a Dona Redonda, com o time quase caindo de divisão e a personagem com a camisa do Paysandu. Foi a que eu mais gostei. Teve uma do Remo com o bonequinho dos jogos mortais, com o bonequinho com a camisa do time e vivendo quase o que vive hoje: se perder está eliminado. Essa foi muito bacana. A outra foi inspirada na Times, com o Donald Trump perseguindo o Donald Trump olhando para o lobo, que era o Paysandu, com algo crítico”, relembra.

O editor Carlos Eduardo Vilaça seguiu na mesma linha. “Acredito que a capa do ‘Craque Raiz x Craque Nutella’ é um clássico. O Clayton Matos sugeriu o tema, que estava bem em foco na internet, e perguntou se dava para fazer algo do tipo. Eu elegi os personagens de acordo com o que aconteceu naquele jogo entre Remo e Paysandu - Edgar e Leandro Cearense -, criando os tópicos em cima do que normalmente se falava na época e adaptando ao futebol. Fez um barulho enorme, ganhou repercussão nacional e é lembrada até hoje. O time bicolor, que naquele dia foi zoado, acabou ganhando o campeonato e foi a vez do Cearense curtir, dizendo que era Nutella mesmo, caro e gostoso. Foi uma grande resposta e uma bela contribuição



para o folclore do nosso futebol. Além dessa, teve a comparação entre o amadorismo da direção do Remo com um filme de terror, no caso, em “IT”, que estava estreando uma nova versão nos cinemas na época, uma adaptação de um dos meus livros favoritos. Escrever aquele texto foi bem legal. E, para fechar esse top 3, acho que a capa do título estadual do Remo deste ano foi especial e também entrou no imaginário do futebol e também. Não teve montagem, mas fotos sensacionais do Wagner Santana e da Irene Almeida, que capturaram aquele momento em que o Paysandu desligou os refletores da Curuzu para evitar a festa do rival na sua casa, mas só fez deixá-la mais bonita e simbólica. Como dizia a manchete: “Brilho de campeão””, destaca.

Produto paraense tem valor.



Comprar produtos feitos no Pará garante muito mais que qualidade. Garante a satisfação de gerar mais empregos e qualidade de vida e a alegria de contribuir para o desenvolvimento do Pará. Porque cada produto industrializado aqui, deixa os benefícios aqui mesmo.

Parabéns, Diário do Pará. Um produto paraense de muito valor.



SESI SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO

FIIPA IEL
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

www.fiepa.org.br @ f t SistemaFIEPA



#QUARENTOU

Que felicidade poder comemorar 40 anos de seriedade, compromisso e respeito com os fatos.

Parabéns por esses e por todos os outros aniversários que vamos comemorar juntos!

É um orgulho ser parceiro do jornal que é essencial para vida e à história do Pará, **Parabéns Diário!**



O primeiro *digital bank* da região Norte.

popbankbrasil



Acesse site, baixe o app e abra sua conta grátis hoje mesmo.



www.popbankbrasil.com.br